

As categorias de pessoa e de tempo: a singularidade da experiência humana que se revela no discurso

The categories person and time: the singularity of the human experience revealed in the discourse

Claudia Toldo¹

Fernanda Lopes Bortolini²

RESUMO

Este artigo propõe realizar reflexões e discutir sobre a subjetividade do homem na linguagem, a partir das categorias de pessoa e de tempo, que se engendram no aparelho formal da língua para realizar a enunciação, a partir dos pressupostos da Teoria Enunciativa de Émile Benveniste. Nesta reflexão são mobilizadas as categorias de pessoa e de tempo para realizar uma análise enunciativa de um texto que circulou amplamente na imprensa brasileira no período que antecedeu a deposição da presidente Dilma Rousseff, se estabelecendo como corpus deste artigo – carta de Temer a Dilma – e discutir sobre a singularidade e subjetividade que se revelam nesse recorte linguístico. A análise revela que as categorias de pessoa e de tempo são fundamentais para configurar a linguagem em discurso. E a cada vez que o pronome “eu” é mobilizado para dizer, é instaurada uma experiência humana, sempre única e irrepetível, que pode acontecer infinitas vezes, mas sempre será atualizada pelo tempo da enunciação e ato do dizer, ou seja, a singularidade do dizer passa pela categoria de pessoa e a atualização desse dizer se dá pela categoria de tempo.

Palavras-chave: Enunciação. Categorias de pessoa e de tempo. Subjetividade.

ABSTRACT

This paper proposes to carry out reflections and discuss the human subjectivity in language, based on the categories of person and time, which, together with the category space, engender themselves in the formal apparatus of language to carry out the enunciation, according to Emile Benveniste's Enunciation Theory. In this reflection, the categories person and time are mobilized in order to perform an enunciative analysis of a text that circulated widely in the Brazilian press in the period before the deposition of President Dilma Rousseff, namely Temer's letter to Dilma, which consists the corpus of this article. The analysis aims to discuss the singularity and subjectivity that become visible in this linguistic cut. The analysis reveals that the categories person and time are fundamental to configure language in discourse. Every time the pronoun “I” is mobilized to enunciate, a human experience is established, always unique and unrepeatable, which can happen infinitely, but will always be updated by the time of enunciation and act of saying, that is, the singularity of the saying goes through the category of person and the updating of this saying through the category of time.

Keywords: Enunciation. Categories person and time. Subjectivity.

¹ Docente da Universidade de Passo Fundo (UPF). Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Passo Fundo/RS, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2960-0734>. E-mail: claudiast@upf.br.

² Mestra em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Passo Fundo/RS, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1736-2991>. E-mail: lopesbortolinifermanda@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Tomamos como perspectiva para este estudo a Teoria Enunciativa, ou melhor, a reflexão desenvolvida pelo linguista francês Émile Benveniste, sobre enunciação, colocada – principalmente – em seus *Problemas de Linguística Geral I II* (2005; 2006). Neste texto, trazemos considerações sobre a singularidade e a subjetividade do homem na linguagem que se instaura a partir das categorias de pessoa e de tempo e que se revelam quando o sujeito mobiliza a língua para dizer. Para tal, fazemos reflexões acerca da categoria de pessoa (“eu”-“tu”) e não pessoa (“ele”), amparada nas reflexões que o linguista realiza nos textos “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, de 1946, “A natureza dos pronomes”, de 1956 e “Da subjetividade na linguagem”, de 1958, ambos publicados no *Problemas de Linguística Geral I* (PLG I), e acerca da categoria de tempo (físico, crônico e linguístico), a partir do texto “A linguagem e a experiência humana”, de 1965, publicado no *Problemas de Linguística Geral II* (PLG II), que juntos a outros textos compreendem o que o linguista Valdir Flores (2013) sistematiza como o primeiro momento – pessoa e não pessoa – na Teoria Enunciativa de Benveniste.

A partir de uma proposta de análise, discutimos a singularidade das formas mobilizadas e da subjetividade do homem, que se marca na língua em uso, pelas categorias de pessoa, a partir da instauração do “eu” e do “tu”, e da categoria de tempo, o linguístico, para realizar uma análise enunciativa da carta escrita por Michel Temer, no período vice-presidente da República, destinada a Dilma Rousseff, então presidente da República, escrita em 07 de dezembro de 2015 e divulgada no mesmo dia, à imprensa nacional. Portanto, o objetivo deste estudo é estudar as categorias de pessoa e tempo, analisando-as nesse discurso selecionado.

Interessa-nos, neste recorte linguístico, pensar e refletir sobre a singularidade que se revela na experiência humana que se constitui na linguagem, a partir do enunciado produzido, pois, impossível é analisar a enunciação, como ensina Benveniste (2005), visto que a enunciação é o *colocar em funcionamento a língua em um ato individual de utilização*, ou seja, é a língua convertida em discurso, por um locutor que se apropria da língua para dizer, sempre em função de outro, estabelecendo a subjetividade e instaurando a intersubjetividade na linguagem, em um determinado tempo, que é sempre o presente, e um espaço³ (lugar), revelando sua condição de unicidade e de irrepetibilidade.

³ Neste texto e nesta análise, não trataremos do espaço – outra categoria mobilizada por Benveniste (2005) para construir o aparelho formal da enunciação –, por uma escolha ao fazer o recorte teórico que nos propomos operar.



A partir do objetivo elegido e da filiação teórica assumida, o artigo se configura pelos procedimentos adotados como bibliográfico e documental, com uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório.

No que se refere à estrutura do artigo, está organizado a partir da seção 2 - Sobre a subjetividade na linguagem: a categoria de pessoa – que trata da mobilização da Teoria Enunciativa de Émile Benveniste, para abordar a categoria de pessoa; na seção 3 – Sobre a singularidade da linguagem: a categoria de tempo – a categoria abordada é o tempo; na seção 4 - Análise enunciativa da carta de Temer à Dilma – nos debruçamos a analisar e refletir o *corpus* do artigo; ainda conta com as considerações finais, na seção 5; e com o anexo do *corpus* na íntegra; e por fim, se completa com esta introdução. Isto posto, voltamo-nos aos aspectos importantes da categoria de pessoa da enunciação, que compõe a Teoria Enunciativa de Émile Benveniste, aqui mobilizada.

2 SOBRE A SUBJETIVIDADE NA LINGUAGEM: A CATEGORIA DE PESSOA

Esta seção destina-se ao estudo da categoria de pessoa, a fim de amparar suas considerações acerca da subjetividade na linguagem. Benveniste mobiliza por vez primeira o conceito/distinção entre pessoa e não pessoa no texto intitulado “Estrutura das relações de pessoa no verbo”, de 1946 e é neste texto que o linguista inicia a construção do fundamento da subjetividade na linguagem, condição para o locutor se propor como sujeito. Benveniste postula que os pronomes “eu” e “tu”, integram a noção de pessoa e o “ele” integra a noção de não pessoa, em que “nas duas primeiras pessoas, há ao mesmo tempo uma pessoa implicada e um discurso sobre essas pessoas”, ou seja, “*Eu* designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre eu”, assim como se assemelha ao tu, em que “tu é necessariamente designado por eu e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do ‘eu’” (BENVENISTE, 2005, p. 250). E pela relação que estabelecem na instância de discurso “eu” e “tu” formam a categoria de pessoa. Diferente de “eu” e “tu”, o pronome “ele”, passa a integrar a noção de não pessoa, pois indica um enunciado sobre algo ou alguém, mas nunca uma pessoa, como acontece com os dois primeiros pronomes.

As pessoas “eu” e “tu” apresentam características em comum que as une e que as diferenciam de “ele”, que foram apontadas por Benveniste, tais como a unicidade em que “o ‘eu’ que enuncia, o ‘tu’ ao qual ‘eu’ se dirige são cada vez únicos” (BENVENISTE, 2005, p. 252), já a não pessoa ele pode se referir a uma “infinitude de sujeitos - ou nenhum” (BENVENISTE, 2005, p. 253); a inversibilidade que consiste no fato de que “eu” tornar-se “tu” e o “tu” passa a ser “eu” na enunciação, ou seja, invertem-se entre si, o que não pode ocorrer em “ele” que não pode inverter-se com as outras duas





peçoas; e por fim, a terceira característica que difere as três peçoas é da predicação verbal, ou seja, a “terceira peçoas’ é a única pela qual uma coisa é predicada” (BENVENISTE, 2005, p. 253, grifos do autor).

Nesse primeiro texto, Benveniste ao apresentar as características das três peçoas, formula a distinção peçoas e não peçoas e instaura a correlação de peçoalidade, que nas palavras de Flores (2013, p. 84) “opõe as peçoas eu/tu à não peçoas ele” e desta deriva a correlação de subjetividade, que “é a relação opositiva que se dá entre as peçoas eu/tu” revelando a peçoas subjetiva “eu” e a peçoas objetiva “tu”.

Em texto posterior, “A natureza dos pronomes”, de 1956, Benveniste retoma a distinção de peçoas e não peçoas e amplia sua reflexão acerca da natureza dos pronomes, partindo da premissa de que todas as línguas possuem pronomes, revelando a universalidade dessas formas. No entanto, o linguista afirma que a problemática dos pronomes pode ser observada sob duas óticas, sob a ótica da língua, ou seja, os pronomes enquanto formas linguísticas, que pertencem à sintaxe da língua (sistema), e sob a ótica da linguagem, mais precisamente, à instância do discurso (enunciação), ou nas palavras dele aos “atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” (BENVENISTE, 2005, p. 277).

Interessa a Benveniste explicitar qual é a realidade a qual se refere o “eu” e o “tu”, que ele diz ser unicamente “a realidade de discurso, que é coisa muito singular” (BENVENISTE, 2005, p. 278). Singular no sentido de que, “a forma *eu* só tem existência linguística no ato de palavras que a profere” (BENVENISTE, 2005, p. 279), ou seja, na enunciação, algumas classes de signos - como os pronomes peçoais - ganham existência, e por consequência sentido somente no discurso; antes, existem apenas na virtualidade da língua. E tais signos considerados vazios, não referenciais com a realidade, são os signos que permitem “o exercício da linguagem e que se tornam plenos assim que um locutor os assume em cada instância do seu discurso” e mais, são esses signos vazios os “instrumentos da conversão de linguagem em discurso” (BENVENISTE, 2005, p. 280), revelando sua essência subjetiva na linguagem. A realidade do pronome ele, não peçoas, por sua vez, se distingue dos pronomes “eu” e “tu” “pela sua função e pela sua natureza” (BENVENISTE, 2005, p. 282), pois esse pronome não remete a ele mesmo, mas a situações que estão fora instância da enunciação, voltado a situações objetivas na língua.

O que o linguista sírio revela é que, muito mais que formas da língua, os pronomes tornam-se uma categoria da linguagem e se relacionam na linguagem, e mais, conforme destaca Flores (2013, p. 91) “a partir de sua reflexão sobre pronomes, ele fala de algo muito mais geral: da posição que cada um é obrigado a ocupar na linguagem, [...], pois, a linguagem impõe às línguas que ‘reservem’ lugares de





pessoa e não pessoa, sem o que não seria possível falar”. Nesta perspectiva, os pronomes extrapolam apenas a forma, para ganhar posição na linguagem.

Em um terceiro texto, “Da subjetividade na linguagem”, de 1958, Benveniste aborda mais especificamente sobre a instauração do fundamento linguístico da subjetividade, que se determina, não somente, mas, especialmente, pelo status linguístico de pessoa. Para tanto, o linguista reflete sobre o que é a linguagem para o homem:

A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. [...]. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem (BENVENISTE, 2005, p. 285).

A linguagem está na natureza do homem, não é instrumento fabricado, é a condição de existência do homem no mundo, e mais “a linguagem ensina a própria definição do homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285). E Benveniste continua revelando o axioma deste texto: “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 2005, p. 286, grifos do autor). O que o axioma revela é que o homem se constitui sujeito na linguagem e pela linguagem, deixando de ser o homem antropológico que se define pela própria linguagem, tornando-se um sujeito que diz no mundo.

Sobre esta passagem, convocamos a leitura minuciosa de Flores (2013) que traz considerações importantes, tais como: o uso da construção ‘na linguagem e pela linguagem’, que “introduz, simultaneamente, um duplo aspecto da linguagem. [...] De um lado seu aspecto constitutivo, condensado na linguagem; de outro, há o aspecto mediador, presente pela linguagem”. (FLORES, 2013, p. 98). Além disso, Flores (2013) complementa a leitura, observando que a construção ‘o homem se constitui como *sujeito*’, revela que Benveniste introduz a passagem de noção de homem antropológico a uma noção linguística. E finaliza que o termo ‘ego’ utilizado refere-se ao pronome clássico eu, e não ao termo da psicologia.

Após essa primeira postulação do homem na linguagem, Benveniste convoca a relação de pessoa, já antes mencionada e evocada no texto, e diz que “Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo, é que é constitutiva da pessoa, pois implica reciprocidade” (BENVENISTE, 2005, p. 286), e complementa seu pensamento, “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso” (BENVENISTE, 2005, p. 286). Ou seja, o eu só existe porque há um tu a quem dizer,





há um tu mobilizado na enunciação, a condição de eu existir é porque há um tu, e estes são complementares, porém, não quer dizer que sejam iguais ou simétricos, como revela o linguista francês: “*ego* tem sempre uma posição de transcendência quanto a *tu*” (BENVENISTE, 2005, p. 286).

Posteriormente à reflexão sobre os pronomes pessoais na linguagem, Benveniste revela o conceito de subjetividade, que é intrínseco à linguagem:

A “subjetividade” de que tratamos aqui é a capacidade do locutor para se propor como “sujeito”. [...] Oras, essa “subjetividade”, quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, não é mais que emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem. É “ego” quem *dixit* “ego”. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” que se determina pelo “*status*” linguístico de “pessoa” (BENVENISTE, 2005, p. 286).

O que o linguista postula é que a linguagem só se torna possível quando o locutor que diz se apropria da língua, mobilizando o “eu” para dizer, converte-se em sujeito e instaura a si e um discurso sobre si mesmo, e tal apropriação se dá pelos pronomes pessoais, que são uma primeira possibilidade concreta de revelação, portanto, da subjetividade na linguagem. E mais, Benveniste (2005, p. 288) revela que o pronome “eu” se refere “a algo muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor”, e que “eu” só pode ser identificado dentro da instância do discurso (enunciação). Essa relação intrínseca entre “eu” e “tu” na linguagem, ou seja, a categoria de pessoa como o próprio fundamento da subjetividade na linguagem, em que eu pressupõe um tu, que pela reversibilidade pode tornar-se “eu”, e que pressupõe um “tu”, é que instaura a intersubjetividade na linguagem. E sobre a intersubjetividade Benveniste atesta ao fim do texto “Da subjetividade na linguagem” que “muitas noções na linguística, [...] aparecerão sob uma luz diferente se a restabelecemos no quadro do discurso, que é a língua enquanto assumida pelo homem que fala, e sob a condição da intersubjetividade, única que torna possível a comunicação linguística” (BENVENISTE, 2005, p. 293). Ou seja, a intersubjetividade é condição para que seja possível a comunicação entre o “eu” e o outro – o “tu” –, e que por sua vez, é instaurada pela própria enunciação.

Ainda sobre a categoria de pessoa, como fundamento linguístico da subjetividade e intersubjetividade, Benveniste (2005, p. 288) afirma que “os pronomes pessoais são o primeiro ponto de apoio para essa revelação da subjetividade na linguagem”, mas, que essa categoria mobiliza consigo outras classes de nomes, que também indicam subjetividade, como os indicadores de tempo, e os indicadores de espaço (lugar).





Na seção seguinte, encaminhamo-nos à reflexão sobre a categoria de tempo, como indissociável da categoria de pessoa, tendo em vista a experiência humana inscrita na linguagem.

3 SOBRE A SINGULARIDADE DA LINGUAGEM: A CATEGORIA DE TEMPO

Benveniste, no texto “A linguagem e a experiência humana”, de 1965, inicia revelando que há categorias de expressão que têm suas funções explicitadas, quando estudadas no exercício da linguagem e no discurso. São categorias elementares que realizam a experiência subjetiva dos sujeitos que “se situam na e pela linguagem” (BENVENISTE, 2006, p. 68), e apresenta duas categorias fundamentais e conectadas no discurso: as categorias de pessoa e de tempo.

Fica claro que, no mínimo, duas categorias - pessoa e tempo - são fundamentais para configurar a linguagem em discurso, conforme afirmam Toldo e Valério (2016, p. 31-32), “O discurso somente se instaura no momento em que o sujeito que fala emprega o pronome eu para referir a si próprio em sua fala e o faz sempre em oposição a tu e a ele. Essa instauração do sujeito na linguagem, através da categoria de pessoa, é a condição mesma do discurso”. A cada vez que o pronome eu é mobilizado para dizer, é instaurado uma experiência humana, sempre única e irrepetível, que pode acontecer infinitas vezes, mas sempre será atualizada pelo tempo da enunciação e pelo espaço do dizer, ou seja, a singularidade do dizer passa pela categoria de pessoa e a atualização desse dizer se dá pela categoria de tempo.

Para prosseguir à reflexão sobre a temporalidade, evocamos as reflexões produzidas por Toldo e Valério (2016), ao que se refere à noção de tempo:

Conforme já dissemos, como a noção de tempo pode se apresentar em textos, neste estudo: cartas. As pessoas dizem algo – aqui e agora – e o conteúdo (o material linguístico) desse algo dito, como veremos nas cartas em análise, está situado em um dado tempo, algo que foi produzido em um presente que, em seguida se tornou passado, mas que retorna, através da linguagem, ao presente da leitura de cada um. Poderíamos dizer, então, que a enunciação possibilitaria a emergência de vários níveis de temporalidade, concomitantemente? Ou seja, um nível de temporalidade ligado ao acontecimento – hic et nunc – e outro (s) promovido(s) por ele, uma espécie de 2ª enunciação que se dá no processo de leitura? (TOLDO; VALÉRIO, 2016, p. 31).

Tais reflexões das autoras são importantes para pensar sobre a atualização que o tempo revela à enunciação, levando em consideração, o tempo da enunciação primeira, que é sempre presente, o presente do acontecimento, e assim que foi enunciado, finda-se o presente, e o mais importante, de que é possível pensar em uma atualização da enunciação a cada vez que o texto (sua materialidade linguística) é lido, mobiliza-se um novo tempo de enunciação que se dá pela leitura dos textos.





Interessamo-nos por esta particularidade: da atualização da temporalidade a cada vez que se realiza uma leitura do texto – o que buscaremos refletir e analisar a partir da carta que é *corpus* deste artigo.

Benveniste (2006) aponta que além da categoria de pessoa, que é tão rica à experiência subjetiva na linguagem, há outra tão rica quanto, que é categoria que exprime o *tempo*, visto que “este termo *tempo* recobre representações muito diferentes, que são as muitas maneiras de colocar o encadeamento das coisas” e mais “a língua conceptualiza o tempo de modo totalmente diferente” (BENVENISTE, 2006, p. 70), ou seja, não se pode pensar no tempo ligado aos tempos verbais, mas sim um tempo ligado ao exercício do dizer, o tempo do discurso.

De acordo com o linguista francês, há um tempo que é específico da língua, que é o *tempo linguístico*, ligado ao exercício do dizer; mas há outros tempos: o *tempo físico*, que é tempo psíquico; e o *tempo crônico*, que é tempo instituído pelos calendários, pelos meses, e ciclos, etc., é o tempo dos acontecimentos. Interessa-nos, particularmente neste momento, o tempo linguístico, enquanto categoria da enunciação.

Sobre o *tempo físico*, Benveniste (2006) afirma ser o tempo do mundo, e esse tempo é um contínuo uniforme, e é infinito e linear, é o tempo dos fatos e “tem por correlato no homem uma duração infinitamente variável de cada um” visto que cada um “mede pelo grau de emoções e pelo ritmo de sua vida interior” (BENVENISTE, 2006, p. 71), ou seja, o tempo psíquico está ligado à experiência individual de cada um, sendo, portanto, diferente a cada sujeito.

Sobre o *tempo crônico*, Benveniste (2006) dedica-se a explicá-lo e conceituá-lo. É o tempo dos acontecimentos e que envolve também a vida, numa perspectiva, de vida de acontecimentos. Segundo ensina o linguista, o tempo vivido “corre sem fim e sem retorno, é esta a experiência comum. Não reencontramos jamais nossa infância, nem o ontem, nem o instante que acaba de passar” (BENVENISTE, 2006, p. 71). A vida passa a ter pontos de referências – acontecimentos – para marcar o *tempo crônico*. E Benveniste continua “o que denominamos “tempo” é a continuidade em que se dispõem em séries estes blocos distintos que são os acontecimentos. Por que os acontecimentos não são o tempo, eles estão no tempo” e postula: “tudo está no tempo, exceto o próprio tempo” (BENVENISTE, 2006, p. 71).

Como tudo está no tempo, os acontecimentos marcados no tempo formam as sociedades, que têm a necessidade de objetivar o tempo e demarcá-lo para socializar entre as sociedades e os sujeitos que a constituem. Benveniste considera que a objetivação do tempo crônico se dá, por exemplo, pelo tempo socializado pelo calendário, mas não só, se dá também pela divisão do *tempo crônico* a partir de fenômenos naturais, como o dia e a noite, o giro que o sol dá ao redor da terra, a lua e suas fases, as estações. Cada forma de objetivar o tempo dos acontecimentos se dá a partir de condições, às quais as



sociedades mobilizam. São as três condições: estativa, diretiva e mensurativa. Como condição primeira para objetivar o tempo, há condição *estativa*: parte de um cômputo zero para um acontecimento, por exemplo, nascimento de Cristo ou de Buda, é a condição dos calendários. A segunda condição é a *diretiva* usa os termos antes e depois de acontecimentos para marcar a posição desse tempo, por exemplo, antes de Cristo (a. C.) e depois de Cristo (d. C.). Usando o acontecimento como eixo referencial. E a terceira condição, a *mensurativa*, que organiza-se a partir de unidades de medidas para contar os intervalos de tempos, por exemplo, o intervalo entre o aparecimento do sol e o desaparecimento do sol, tem-se um dia, e ainda, o intervalo completo entre o sol girar ao redor da terra, tem-se um ano, e etc. Em síntese, a partir destas três condições, ligadas a acontecimentos como referência, tem-se uma posição objetiva dos acontecimentos e acabam por definir a posição dos sujeitos em relação a esses acontecimentos (BENVENISTE, 2006, p. 72-73).

No que se refere ao terceiro nível de tempo, o *tempo linguístico*, Benveniste (2006, p. 74) revela “é pela língua que se manifesta a experiência humana do tempo, e o tempo linguístico manifesta-se irredutível igualmente ao tempo crônico e ao tempo físico”, o que o diferencia dos outros níveis de tempo, é que o tempo linguístico está “organicamente ligado ao exercício da fala” e de se definir, se organizar “como função do discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 74).

O tempo linguístico é sempre o presente do dizer, ou seja, “cada vez que um locutor emprega a forma gramatical do “presente” (ou uma forma equivalente), ele situa o acontecimento como contemporâneo do discurso que o menciona” (BENVENISTE, 2006, p. 74-75). E mais, o presente do tempo linguístico é sempre “reinventado a cada vez que um homem fala porque é, literalmente, um momento novo, ainda não vivido” ((BENVENISTE, 2006, p. 75). A cada vez que o sujeito mobiliza a língua para dizer, numa instância discursiva, sempre será no tempo presente que essa mobilização ocorre, ao encerrar o dito, deixa de ser presente, pois já foi dito.

Sobre o tempo presente, que é presente na linguagem convertida em discurso, Benveniste diz que:

O presente linguístico é o fundamento das oposições temporais da língua. Este presente que se desloca com a progressão do discurso, permanecendo presente, constitui a linha de separação entre dois outros momentos [...], o momento em que o acontecimento não é mais contemporâneo do discurso, deixa de ser presente e deve ser evocado pela memória, e o momento em que o acontecimento ainda não é presente, virá a sê-lo e se manifesta em prospecção. (BENVENISTE, 2006, p. 75).

O que Benveniste revela neste trecho, é que o tempo presente - linguístico – é uma possibilidade única de marcar o tempo pela linguagem, pois que é dito na enunciação torna-se passado,





fica na “memória” e o que ainda será dito, se torna “prospecção”, porém sempre tendo como marco temporal o presente do discurso.

Ainda, para finalizar esta reflexão sobre o tempo linguístico, mobilizamos a constatação do linguista de que “o único tempo inerente à língua é o presente axial do discurso e que este presente é implícito” (BENVENISTE, 2006, p. 76) e ainda sobre como essa temporalidade se insere no processo de comunicação. Benveniste revela que “do tempo linguístico indicamos sua emergência no seio da instância do discurso que o contém em potência e que o atualiza” (BENVENISTE, 2006, p. 77), ou seja, é no discurso que o tempo revela a singularidade do dizer, pois cada vez que o locutor mobiliza o pronome *eu* para dizer, em uma instância discursiva, que está em um tempo presente da enunciação, é sempre uma nova possibilidade de dizer, visto que a enunciação é sempre nova e irrepetível. O que consolida essa afirmação são as categorias de pessoa e de tempo, que engendradas à categoria de espaço, promovem a cada vez uma nova enunciação. É essa possibilidade de dizer, a cada vez única, que revela a experiência subjetiva inscrita na e pela linguagem.

Encaminhamo-nos à análise e reflexão da carta, *corpus* deste artigo.

4 ANÁLISE ENUNCIATIVA DA CARTA

Esta seção destina-se a pensar e refletir sobre a singularidade que se revela na experiência humana que se constitui na linguagem, a partir da análise de um texto que circulou amplamente na imprensa brasileira no período que antecedeu à deposição da presidente Dilma Rousseff, em 2015. A carta em questão foi escrita pelo então vice-presidente da República Michel Temer, para a presidente da República, no período, Dilma Rousseff, e divulgada à imprensa nacional, no mesmo dia. O primeiro veículo a publicar foi o Portal G1: Política, às 23h16min, no dia 07 de dezembro de 2015, com assinatura da notícia pela jornalista Andreia Sadi. A escolha da carta – sua materialidade linguística – se dá especialmente pela instauração da categoria de pessoa, reveladora da subjetividade, em que o locutor, mobilizando o pronome “eu”, se faz sujeito para enunciar ao seu “tu”; locutor esse que no momento era a segunda pessoa mais importante na escala do poder executivo nacional, o vice-presidente da República e o “tu”, a primeira pessoa mais importante, a presidente Dilma Rousseff. Vale ainda ressaltar que cinco dias antes, no dia 02 de dezembro, a Câmara dos Deputados aceitava o processo de impedimento do mandado da então presidente, que culminou, como sabemos, no processo de impeachment. Entre a movimentação da presidente acusada para se manifestar e se defender publicamente e o silêncio total do vice-presidente, essa carta é escrita e enviada quebrando o silêncio do vice.





Nesse sentido, interessa-nos, a temporalidade e a relação de pessoalidade instauradas nessa carta. Partimos da premissa, inspiradas pela reflexão de Toldo e Valério (2016), de que a carta teve uma temporalidade na sua enunciação – quando o Temer escreve a carta em São Paulo, como consta: São Paulo, 07 de Dezembro de 2015 e que, posteriormente, instaurou outra temporalidade linguística, também presente, quando é divulgada à imprensa e publicada no portal de notícias G1. Além disso, é possível instaurar outra temporalidade, quando ela é acessada no portal de notícias e é lida por todos os leitores do portal, mas também pôde ser lida por toda a sociedade brasileira, ou deveria ter sido lida. É sobre esse aspecto de atualização do dizer do sujeito enunciativo a cada temporalidade que nossa análise e reflexão repousam. Optamos, portanto, por mobilizar excertos elucidativos ao longo desta seção, o texto na íntegra está anexo neste artigo.

Essa carta se constitui de um enunciador, que se apropria da língua, ao dizer “eu”, e enuncia a um “tu”, que está em relação de complementaridade e de reciprocidade do sentido dessa enunciação, visto que “eu” e “tu” só existem em função do “eu” que enuncia, conforme postula Benveniste (2005, p. 286): “eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocução um tu. Essa condição de diálogo, é que é constitutiva da pessoa, pois implica reciprocidade”, ou seja, só existe “eu” porque há um “tu” a quem dizer, há um “tu” mobilizado na enunciação, a condição de “eu” existir é porque há outro para estabelecer o diálogo, e estes são complementares, porém, não quer dizer que sejam iguais ou simétricos. O “eu” sempre instaura o projeto de dizer na enunciação.

Na carta, o “eu” (Michel Temer) assume um tom de desabafo, a partir de escolhas linguísticas como esta: “É um desabafo que já deveria ter feito há muito tempo”, para dizer para seu “tu” (senhora presidente), como ele se sentia ao longo dos quatro anos de governo do primeiro mandato – 2011 a 2014 – e o primeiro ano do segundo mandato – 2015 –, no cargo de vice-presidente.

Para a construção desse desabafo, o enunciador assume um discurso de que foi vítima de desconfiança por parte de sua enunciatária ao longo desse período, como podemos sublinhar neste excerto: “Sempre tive ciência da absoluta desconfiança da senhora e do seu entorno em relação a mim e ao PMDB”. Aqui, o enunciador afirma ter absoluta certeza de que há desconfiança por parte da presidência de sua ação, ainda que ele e o PMDB – atual MDB – mostrassem apoio pessoal e partidário à presidente e a seu partido, o PT.

Em outro trecho, o “eu” mantém a posição de vitimização gerado por essa atitude de desconfiança por parte do “tu” e diz: “Tudo isso tem significado absoluta falta de confiança”. Ou seja, a construção do desabafo, por parte do enunciador repousa na constatação de que ele foi vítima de desconfiança, enquanto atou como vice-presidente, por parte do “tu”.





Ao assumir a perspectiva da desconfiança intrínseca na relação entre o “eu” e o “tu”, esse enunciador constrói a argumentação de sua carta, elencando onze fatos que ele considerou importantes e, sobretudo, representativos desse posicionamento de desabado por não ter gerado confiança à presidente Dilma.

Para ilustrar esses onze fatos argumentativos, citamos um bastante emblemático: “Passei os quatro primeiros anos de governo como vice decorativo”. Certamente, uma das escolhas mais curiosas e inusitadas do “eu”, ainda mais quando nos voltamos às relações de sentidos que implicam essa escolha lexical “decorativo”, que tem como conceito “que decora, que ornamenta, que serve para enfeitar, embelezar, ornamental” (DICIO, 2020). Isto é, o “eu” assume ter tido um papel meramente ornamental, no que se refere à atuação nas ações políticas do governo, assumindo-se como um objeto decorativo. E defende tal escolha, de que ele não pode atuar com protagonismo devido, mas sim apenas realizar mínimas interferências, quase nulas, por ser vítima de desconfiança por parte da senhora presidente – “tu”. Vale ressaltar, que essa enunciação primeira aconteceu cinco dias após o processo de impeachment ser aceito pela Câmara dos Deputados.

Tal enunciação não podemos mais recuperar, é impossível retomar, ou nas palavras do linguista, os “atos discretos e cada vez únicos pelos quais a língua é atualizada em palavra por um locutor” (BENVENISTE, 2005, p. 277). E aí se dá a primeira temporalidade, do “eu” que desabafa a esse “tu”, e que ao dizer produz a enunciação e cria o dito – a materialidade linguística. Esse ato é único, que se deu no tempo linguístico, que é o presente e já passou. É irrepetível, e por sua irrepetibilidade e unicidade revela a singularidade da experiência do homem na linguagem, como ensina Benveniste “não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285).

Após essa primeira temporalidade, advinda do sujeito que diz “eu” (o vice decorativo), que produziu um discurso de que foi vítima de desconfiança por parte do “tu” – a senhora presidente –, e tal construção discursiva se atualiza e se potencializa quando a carta é divulgada pela imprensa nacional – primeiro pelo portal G1, depois replicada a todos os veículos jornalísticos e informativos políticos nacionais, no mesmo dia em que foi enviada à presidente Dilma, no dia 07 de dezembro de 2015. Uma nova enunciação foi gerada a partir desse enunciado produzido – replicado –, em uma nova temporalidade, instaurando novos sujeitos da enunciação, e revelando nossas subjetividades.

Essa nova enunciação foi produzida pela mobilização da categoria de pessoa e da categoria de tempo, sobretudo. O que queremos ressaltar é que a enunciação, isto é, esse ato discreto e cada vez único pelo qual a língua é atualizada em palavra por um enunciador, se deu por um novo “eu” (a jornalista que teve acesso ao conteúdo da carta e escreve no portal) que instaurou um novo “tu” (todas





as pessoas que têm acesso à internet e podem ler o conteúdo publicado no portal de notícias G1) e dentro de um novo tempo (07/12/2017, às 23h16min). Ou seja, uma nova enunciação foi produzida, dentro de uma nova temporalidade, revelando sua característica de unicidade e irrepitibilidade, e mais que isso, produzindo um novo dito, ainda que seja a mesma carta, afinal uma nova possibilidade de interpretação se constrói, pois, a cada vez uma nova experiência humana com a linguagem é construída.

Assim quando pensamos no sentido da materialidade linguística “Passei os quatro primeiros anos de governo como vice decorativo”, há uma possibilidade de construção de sentido, que repousa no aspecto de talvez, o “eu”, vice-presidente, estivesse argumentando em defesa de sua conduta e sua postura ao longo do governo, a fim de a sociedade conhecesse o que ele fez e o que não conseguiu fazer. Levando-nos a pensar, que fosse uma possibilidade de construção de uma defesa, afinal o processo de impeachment está tramitando. Aqui, essa escolha lexical, tem uma potencialização de sentido, afinal o “tu”, nessa nova enunciação se torna um coletivo de pessoas, os leitores do portal G1, no ano de 2015. A realidade do momento político nacional nos permite inferir que talvez para a “tu”, senhora presidente, marcada na materialidade da carta tenha lido e compreendido de uma forma, mas os leitores do portal, instaurados “tu” nessa nova enunciação, infere sentido ao alocarmos uma situação social tão pertinente e provocadora de grande impacto político e social.

Há ainda mais um aspecto importante para mencionarmos nessa enunciação que está ligado aos “tus” instaurados, que diz respeito à temporalidade que se ressignifica quando os leitores leem a carta publicada no portal G1, pois o “tu” se atualiza porque os leitores, ao lerem a carta, criam uma nova enunciação, por meio da leitura, e tornam-se “eu” (sujeito leitores) que instituem outros alocutários, ou nas palavras de Toldo e Valério (2016), outra temporalidade é instaurada no momento em que o texto sofre uma atualização, “quando é lido pelo alocutário – que, através da leitura, transforma-se em eu” (TOLDO; VALÉRIO, 2016, p. 45) e para as autoras, tem-se então um quadro figurativo da enunciação: uma nova enunciação única e irrepitível se instaura. E mais, as autoras revelam que:

A cada vez que uma leitura é realizada, há um eu e um tu, “engendrados de novo”, pois, a cada vez que o locutor assume a língua e se enuncia, o faz de modo único, tornando-se eu. Cada vez que enuncia seu texto supõe o outro, o alocutário, qualquer que seja o grau imaginado de sua presença. A enunciação será a cada vez uma reinvenção, já que a língua será sempre assumida por um novo leitor (categoria de pessoa) em um novo tempo. (TOLDO; VALÉRIO, 2016, p. 46)

Nessa perspectiva, podemos pensar nessa possibilidade de uma terceira temporalidade advinda da atualização da carta, ao produzir uma nova enunciação na leitura realizada pelos sujeitos leitores, e não somente, mas também há um processo de inversibilidade das pessoas, em que o “eu” torna-se “tu”,





e o “tu” converte-se em “eu”, no sentido de que os “tus” (leitores da carta publicada no portal), convertem-se em “eu”, sujeito que lê e enuncia e instauram um “tu” (Michel Temer, vice-presidente da república) e produzem novos ditos, como se pode ler, circulando na imprensa nacional inúmeras cartas abertas⁴ destinadas ao vice-presidente da República, produzindo novas enunciações, únicas e irrepetíveis e repletas de novos sentidos.

Tal temporalidade permite, ainda, inferir que a carta escrita pelo vice-presidente, destinada à presidente da República, Dilma Rousseff, que era uma carta pessoal, como disse o enunciador “Esta é uma carta pessoal”, um “desabafo” de um “vice decorativo”, que assume no seu dito o discurso de que foi vítima de desconfiança e por isso não teve protagonismo político, ou não pode ter, pois não lhe foi dado respaldo para tal atitude, se atualiza, nessa enunciação, a partir das categorias instauradoras de subjetividades – a de tempo e de pessoa – e se torna uma carta aberta destinada a toda a sociedade brasileira, potencializando o conteúdo linguístico e ampliando o sentido das escolhas linguísticas realizadas pelo enunciado no seu projeto de dizer.

Finalizamos esta possibilidade de análise enunciativa da carta escrita por Michel Temer, destinada à Dilma Rousseff, no período presidente do Brasil, porém não única, evocando as palavras de Benveniste que nos ensina que: “não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem” (BENVENISTE, 2005, p. 285). E que a experiência do homem na linguagem, se dá pela singularidade e pela subjetividade, que se instauram a partir das categorias pessoa e tempo aqui mobilizados, e que se revelam quando o sujeito mobiliza a língua para dizer na instância discursiva, eis a enunciação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo buscamos discutir sobre a singularidade e a subjetividade do homem na linguagem que se instaura a partir das categorias de pessoa e de tempo e que se revelam quando o sujeito mobiliza a língua toda para dizer, a partir da perspectiva das considerações propostas na Teoria Enunciativa de Émile Benveniste. Para isso, discutimos a singularidade das formas mobilizadas e da subjetividade do

⁴ Como exemplo, citamos um trecho da carta aberta escrita por Márcia Tiburi a Michel Temer, publicada em 30 de novembro de 2016, na Revista Cult: “Me pergunto ao iniciar essa carta, como endereçar qualquer palavra a você sem inevitavelmente ofendê-lo (e aos seus pares); como dirigir-me a alguém cuja legitimidade como presidente da República não posso reconhecer. Termos como golpista, usurpador, traidor propagam-se por aí, mas eu não gostaria de usá-los, pois não quero parecer rude. Por isso mesmo evitarei o uso da expressão vampiro sócio-político. Se lembrarmos de sua carta a Dilma Rousseff podemos confiar no seu entendimento sobre o formato que uso nesse momento”. Para ler a carta na íntegra na Revista Cult, acesso em: <https://revistacult.uol.com.br/home/carta-aberta-a-michel-temer/>.





homem, que se marca na língua em uso, pelas categorias de pessoa, a partir da instauração do “eu” e do “tu”, e da categoria de tempo, o linguístico, para analisar a carta escrita por Michel Temer, no período vice-presidente da República, destinada a Dilma Rousseff, então presidente da República, escrita em 07 de dezembro de 2015, e divulgada à imprensa nacional.

O que consideramos importante dizer é que cada enunciação é sempre única e irrepitível, já o texto do enunciado pode e é repetido a cada nova enunciação. E que a linguagem convertida em discurso, por um locutor que se apropria da língua para dizer, o faz sempre em função de outro, e com isso revela a subjetividade e a intersubjetividade na linguagem, em um determinado tempo, que é sempre o tempo linguístico – o presente, revelando sua condição de unicidade e de irrepitibilidade. Essa passagem de locutor a sujeito é a subjetividade de que trata Benveniste em seu estudo sobre a subjetividade. Como diz Benveniste (2005, p. 285) “A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou”.

São as categorias de pessoa e de tempo fundamentais para configurar a linguagem em discurso. E a cada vez que o pronome “eu” é mobilizado para dizer, é instaurado uma experiência humana, sempre única e irrepitível, que pode acontecer infinitas vezes, mas sempre será atualizada pelo tempo da enunciação e pelo espaço do dizer, ou seja, a singularidade do dizer passa pela categoria de pessoa e a atualização desse dizer se dá pela categoria de tempo.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

DECORATIVO. *In*: DICIO, Dicionário online de português. Porto: 7 Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/decorativo/>. Acesso em: 02 jun. 2020.

FLORES, V. N. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

PORTAL G1 - Política. **Leia a íntegra da carta enviada pelo vice Michel Temer a Dilma**. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>. Acesso em: 15 out. 2018.

TOLDO, C.; VALÉRIO, P. Tempo e pessoa: categorias que singularizam no uso da língua. **ANTARES**: Letras e Humanidades, v. 8, n. 15, p. 29-47, jan./jun. de 2016.





ANEXO – CARTA DE MICHEL TEMER A DILMA ROUSSEFF

São Paulo, 07 de dezembro de 2015.

Senhora Presidente,

"Verba volant, scripta manent" (As palavras voam, os escritos permanecem)

Por isso lhe escrevo. Muito a propósito do intenso noticiário destes últimos dias e de tudo que me chega aos ouvidos das conversas no Palácio.

Esta é uma carta pessoal. É um desabafo que já deveria ter feito há muito tempo.

Desde logo lhe digo que não é preciso alardear publicamente a necessidade da minha lealdade. Tenho-a revelado ao longo destes cinco anos.

Lealdade institucional pautada pelo art. 79 da Constituição Federal. Sei quais são as funções do Vice. À minha natural discrição conectei aquela derivada daquele dispositivo constitucional.

Entretanto, sempre tive ciência da absoluta desconfiança da senhora e do seu entorno em relação a mim e ao PMDB. Desconfiança incompatível com o que fizemos para manter o apoio pessoal e partidário ao seu governo.

Basta ressaltar que na última convenção apenas 59,9% votaram pela aliança. E só o fizeram, ousou registrar, por que era eu o candidato à reeleição à Vice.

Tenho mantido a unidade do PMDB apoiando seu governo usando o prestígio político que tenho advindo da credibilidade e do respeito que granjeei no partido. Isso tudo não gerou confiança em mim. Gera desconfiança e menosprezo do governo.

Vamos aos fatos. Exemplifico alguns deles.

1. Passei os quatro primeiros anos de governo como vice decorativo. A Senhora sabe disso. Perdi todo protagonismo político que tivera no passado e que poderia ter sido usado pelo governo. Só era chamado para resolver as votações do PMDB e as crises políticas.
2. Jamais eu ou o PMDB fomos chamados para discutir formulações econômicas ou políticas do país; éramos meros acessórios, secundários, subsidiários.
3. A senhora, no segundo mandato, à última hora, não renovou o Ministério da Aviação Civil onde o Moreira Franco fez belíssimo trabalho elogiado durante a Copa do Mundo. Sabia que ele era uma indicação minha. Quis, portanto, desvalorizar-me. Cheguei a registrar este fato no dia seguinte, ao telefone.
4. No episódio Eliseu Padilha, mais recente, ele deixou o Ministério em razão de muitas "desfeitas", culminando com o que o governo fez a ele, Ministro, retirando sem nenhum aviso prévio, nome com perfil técnico que ele, Ministro da área, indicara para a ANAC. Alardeou-se a) que fora retaliação a mim; b) que ele saiu porque faz parte de uma suposta "conspiração".
5. Quando a senhora fez um apelo para que eu assumisse a coordenação política, no momento em que o governo estava muito desprestigiado, atendi e fizemos, eu e o Padilha, aprovar o ajuste fiscal. Tema difícil porque dizia respeito aos trabalhadores e aos empresários. Não titubeamos. Estava em jogo o país. Quando se aprovou o ajuste, nada mais do que fazíamos tinha sequência no governo. Os acordos assumidos no Parlamento não foram cumpridos. Realizamos mais de 60 reuniões de líderes e bancadas ao longo do tempo solicitando apoio com a nossa credibilidade. Fomos obrigados a deixar aquela coordenação.
6. De qualquer forma, sou Presidente do PMDB e a senhora resolveu ignorar-me chamando o líder Picciani e seu pai para fazer um acordo sem nenhuma comunicação ao seu Vice e Presidente do Partido. Os dois ministros, sabe a senhora, foram nomeados por ele. E a senhora não teve a menor preocupação em eliminar do governo o Deputado Edinho Araújo, deputado de São Paulo e a mim ligado.
7. Democrata que sou, converso, sim, senhora Presidente, com a oposição. Sempre o fiz, pelos 24 anos que passei no Parlamento. Aliás, a primeira medida provisória do ajuste foi aprovada graças aos 8 (oito)





votos do DEM, 6 (seis) do PSB e 3 do PV, recordando que foi aprovado por apenas 22 votos. Sou criticado por isso, numa visão equivocada do nosso sistema. E não foi sem razão que em duas oportunidades ressaltai que deveríamos reunificar o país. O Palácio resolveu difundir e criticar.

8. Recordo, ainda, que a senhora, na posse, manteve reunião de duas horas com o Vice Presidente Joe Biden - com quem construí boa amizade - sem convidar-me o que gerou em seus assessores a pergunta: o que é que houve que numa reunião com o Vice Presidente dos Estados Unidos, o do Brasil não se faz presente? Antes, no episódio da "espionagem" americana, quando as conversas começaram a ser retomadas, a senhora mandava o Ministro da Justiça, para conversar com o Vice Presidente dos Estados Unidos. Tudo isso tem significado absoluta falta de confiança;

9. Mais recentemente, conversa nossa (das duas maiores autoridades do país) foi divulgada e de maneira inverídica sem nenhuma conexão com o teor da conversa.

10. Até o programa "Uma Ponte para o Futuro", aplaudido pela sociedade, cujas propostas poderiam ser utilizadas para recuperar a economia e resgatar a confiança foi tido como manobra desleal.

11. PMDB tem ciência de que o governo busca promover a sua divisão, o que já tentou no passado, sem sucesso. A senhora sabe que, como Presidente do PMDB, devo manter cauteloso silêncio com o objetivo de procurar o que sempre fiz: a unidade partidária.

Passados estes momentos críticos, tenho certeza de que o País terá tranquilidade para crescer e consolidar as conquistas sociais.

Finalmente, sei que a senhora não tem confiança em mim e no PMDB, hoje, e não terá amanhã. Lamento, mas esta é a minha convicção.

Respeitosamente,

\ L TEMER

A Sua Excelência a Senhora

Doutora DILMA ROUSSEFF

DO. Presidente da República do Brasil

Palácio do Planalto

Fonte: PORTAL GI, 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>.

Artigo recebido em: 11/04/2020

Artigo aprovado em: 08/06/2020

Artigo publicado em: 28/09/2020

COMO CITAR

TOLDO, C.; BORTOLINI, F. L. As categorias de pessoa e de tempo: a singularidade da experiência humana que se revela no discurso. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-17, e02019, 2020.

